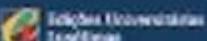


Introdução à SocioMuseologia

Editores

JUDITE PRIMO e
MÁRIO MOUTINHO



DEPARTAMENTO DE MUSEOLOGIA

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias - ULHT

LISBOA 2020

Ficha Técnica

[Título]

Introdução à Sociomuseologia

[Editores]

Judite Primo, Investigadora Principal FCT – CEECIND/04717/2017

Titular da Cátedra UNESCO “Educação, Cidadania e Diversidade Cultural”

Mário Moutinho, Investigador Integrado no CeiED, Coordenador do Departamento de Museologia da ULHT

[Autores]

Aida Rechena (DGPC)

Manuelina Cândido (U. Liège)

Ana Moutinho (Holition)

Marcelo Pereira (UNIR)

Camila A. Moraes Wicher (FCS/UFG)

Marcelo Cunha (UFBA)

Carolina Ruoso (UFMG)

Maria Célia T. Santos (UFBA)

Cláudia Storino (IPHAN)

Mario Chagas (UNIRIO)

Cristina Bruno (MAE-USP)

Mário Moutinho (ULHT)

Fernando João Moreira (ESTHE)

Maristela Simão (ULHT)

Gabriela Souza (PUCRS)

Paula Assunção (ULHT)

Gabriela Figurelli (PUCRS)

Pedro Pereira Leite (ULHT)

Inês Gouveia (IEB-USP)

Raul Mendez Lugo (SBIS.Nayarit)

Judite Primo (CeieD-ULHT /FCT)

Vânia Brayner (ULHT)

Juliana Siqueira (SMC-Campinas)

Vladimir Sibyla (UNIRIO)

Manoela Souza (UPF)

[Paginação]

Maria Helena Catarino Fonseca

[Capa]

Nathália Pamio

[ISBN]

9798612450566

[DOI]

https://doi.org/10.36572/csm.book_01

[Edição]

Edições Universitárias Lusófonas

[Ano de edição]

2020

Campo Grande 376, 1700-090 Lisboa

<http://loja.ulusofona.pt/>

[Contactos]

Departamento de Museologia / Cátedra UNESCO “Educação, Cidadania e Diversidade Cultural”

Edifício A. sala A.1.1.

Stephanie Moreira

Tel: 217 515 500 ext:714 E-mail: museologia@ulusofona.pt

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Campo Grande, 376, 1749 - 024 Lisboa

[Todos os direitos desta edição reservados por]

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias e Autor



Fundação para a Ciéncia e a Tecnologia
MINISTÉRIO DA CIÉNCIA, TECNOLOGIA E INVESTIMENTO SUPERIOR



Introdução à Sociomuseologia

Editores

Judite Primo & Mário C. Moutinho

Departamento de Museologia
Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Lisboa 2020

INTRODUÇÃO À SOCIOCRAZIA

Centro de Estudos Interdisciplinares em Educação e Desenvolvimento (CeID),
Departamento de Museologia-Universidade Lusófona de Humanidades e
Tecnologias, Catedra UNESCO “Educação Cidadania e Diversidade Cultural”

Editores: Judite Primo & Mário Moutinho

Lisboa 2020

ISBN: 979-861-245-056-6

1. Sociocrazia 2. Museologia Social 3. Museologia

CDU - 069

Índice

Prefácio	9
Judite Primo & Mário Moutinho	
Capítulo I - Textos introdutórios	15
• Referências teóricas da Sociomuseologia Judite Primo, Mário Moutinho	17
• A emergência da Museologia Social Inês Gouveia, Marcelle Pereira	35
• A museologia e a construção de sua dimensão social: olhares e caminhos Mário Chagas, Judite Primo, Paula Assunção, Claudia Storino	53
• Museologia, Nova Museologia e Museologia Social: interfaces e conjuntura Marcelle Pereira	77
• Corazonar uma Museologia onde caibam muitas museologias: a interculturalização do campo como projeto decolonial Juliana Siqueira	113
• Museus e Pedagogia Museológica: os caminhos para a administração dos indicadores da memória. Cristina Bruno	153
Capítulo II - Museologia Social: formas e práticas	171
• Rede SP de Memória e Museologia Social a construção de um caminho decolonial Manuelima Duarte & Carolina Ruoso	173

- Museologia no Brasil e em Portugal: alguns atores e ideias em circulação 193
Juliana Siqueira
- Não é pela paisagem na memória, é pela memória na paisagem. 215
Vânia Bryner
- La nueva museología, 30 años después: necesidad de puesta al día del paradigma. El caso Mexicano 229
Raúl Andrés Méndez Lugo

Capítulo III - Olhares multifacetados: temas em debate 269

- Consequências para a Sociomuseologia da integração da perspetiva de género 271
Aida Rechena
- Memória e poder: dois movimentos 291
Mario Chagas
- Memória, identidade e criticidade na Educação Museal 321
Gabriela Ramos Figurelli
- El ecomuseo como comunidad educadora. Una alternativa 353 de política pública integral en materia cultural, artística y ambiental
Raúl Andrés Méndez Lugo
- Design iterativo e participativo - Instalação Museológica 373
Ana Maria Moutinho
- Museus, memórias e cultura afro-brasileira 383
Marcelo Cunha
- Processo museológico: critérios de exclusão 399
Maria Célia T. Moura Santos

• A presença africana e afro-brasileira nos Museus de Santa Catarina	413
Maristela Simão	
• A museologia social, o comum e o perspectivismo da luta	437
Vladimir Sibylla Pires	
• Sociomuseologia e Arqueologia pós-processual: conexões no contexto brasileiro contemporâneo.	453
Camila A. Moraes Wickers	
• Profanar: a filosofia e a museologia pensando o mundo	473
Gabriela Nascimento Souza & Manoela Nascimento Souza	
• Uma reflexão em torno do conceito de público: o caso dos museus locais	491
Fernando João Moreira	
• Educação Popular Patrimonial	503
Pedro Pereira leite	
Notas biográficas dos autores:	525

Capítulo II

Museologia Social: formas e práticas

Museologia no Brasil e em Portugal: alguns atores e ideias em circulação¹

Manuelina Maria Duarte Cândido² & Carolina Ruoso³

Apresentação

Este artigo aborda a relação entre Brasil e Portugal, alguns atores e a circulação das teorias e experiências do campo museal, sem pretender ser exaustivo. O início efetivo da cooperação qu

e vamos analisar ocorre nos anos de 1990, embora suas raízes possam ter alguns recuos, com a criação de uma série de ações de formação e de divulgação acadêmica da museologia na Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias (ULHT), como o curso de museologia, e a criação de uma linha de publicações hoje denominadas *Cadernos de Sociomuseologia*, além do trabalho conjunto na construção do Movimento Internacional pela Nova Museologia (Minom). O curso da ULHT foi criado por atores extremamente engajados ao Minom. A publicação *Cadernos de Sociomuseologia* tem também um papel fundamental na partilha e difusão das ideias em língua portuguesa, sendo considerada como uma das principais publicações da lusofonia em torno de uma museologia com forte acento no viés social.

Quem são estes museólogos brasileiros? Quem são os membros do MINOM-Portugal de quem falamos? Percorrendo uma história recente da museologia, buscamos compreender o papel dos brasileiros e portugueses na construção de uma possibilidade real de uma museologia

¹ Publicado em DUARTE CÂNDIDO, Manuelina Maria e RUOSO, Carolina. Museologia no Brasil e em Portugal: alguns atores e ideias em circulação. In: Anais do Museu Histórico Nacional. V. 44. Rio de Janeiro: MHN, 2012. p. 33-52.

² Doutora em Museologia (2018) pela Universidade Lusófona e Humanidades e Tecnologia, professora na UFG, Desde 2018, é professora e chefe de serviço de Museologia da Universidade de Liège e administradora do Embarcadère du Savoir.

³ Doutora em História da Arte pela Universidade de Paris 1 Panthéon-Sorbonne, graduada em História pela UFC e mestre em História pela UFPE. Professora da Escola de Belas Artes da UFMG.

participativa, no quadro da formação universitária, para a pesquisa e para o mundo do trabalho.

Segundo Dominique Poulot, houve na França, entre os anos de 1970/80, uma abundante produção de literatura profissional abordando o tema da recentemente criada noção de *nova museologia*. Esta produção era, de acordo com o autor, em sua maioria, relatos de experiências, sendo mais raras as de caráter acadêmico.⁴ Entretanto, na última década do século XX, percebemos na França, com a criação da revista “Publics et Musées” e da antologia “Vagues”, e nas iniciativas mencionadas entre Portugal e Brasil, o trabalho para a qualificação acadêmica destas experiências, perseguindo o objetivo de reunir profissionais capazes de lhe dar uma abordagem científica e um canal de multiplicação pela formação de novas gerações de pesquisadores, ao mesmo tempo em que obtinham sucesso na difusão geográfica e duração no tempo das discussões que lhe são pertinentes.

Museus e formação profissional: duas respostas a desafios locais

Para introduzir o percurso da formação profissional em museologia no Brasil e em Portugal, passamos pela criação do curso de conservador de museus em 1932 no Museu Histórico Nacional (MHN), no Rio de Janeiro. Gustavo Barroso, seu idealizador, é um personagem emblemático, conhecido pela valorização do *culto da saudade*⁵ e preocupado com a construção de uma história nacional brasileira, na forma de continuidade da tradição imperial⁶. O curso tinha inicialmente a duração de três anos

⁴ POULOT, Dominique. *Une histoire des musées de France XIII-XXè siècle*. Ed. La Découverte/Poche, Paris, 2008. p. 174.

⁵ MAGALHÃES, Aline Montenegro. *O Culto da Saudade na Casa do Brasil - Gustavo Barroso e o Museu Histórico Nacional (1922-1959)* - Edição Museu do Ceará/Secretaria de Cultura do Estado do Ceará, Fortaleza, 2006.

⁶ Temos a compreensão de que, segundo Chagas, “a criação do Museu Histórico Nacional, em 1922, não foi decorrente de um gesto isolado de Gustavo Barroso, ancorado unicamente na sua antevisão das necessidades museológicas de uma época, ao contrário. Naquele momento, havia a compreensão por parte de amplos setores da intelectualidade brasileira acerca da importância e da oportunidade de se constituir um local que apresentasse ao mundo a densidade histórica do país. Essa compreensão, no entanto, não se cristalizava em um único projeto. Estavam em disputa,

e, no último, os alunos escolhiam a habilitação em museus de arte ou de história. Em 1951 o curso recebe o grau universitário e nos anos 1970 passa a ter uma duração de quatro anos na Escola Superior de Museologia, na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio).⁷

Em Portugal a profissionalização do campo da museologia começa com o estágio de conservador no Museu Nacional de Arte Antiga. Lá é João Couto o personagem emblemático, mais ligado a uma proposta educativa de museu e influenciado pelo pensamento norte-americano sobre o papel central dos museus na arte-educação. Foi coordenador dos estágios em conservação e presidente do conselho deste curso até 1961. Sua perspectiva de uma formação era centrada na preparação de estagiários para conhecer o MNAA e poder falar e atrair o olhar do público para as obras de arte. Em 1953 foi criado o serviço *infantil* por Madalena Cabral, que se tornou, nos anos 1980, um *serviço educativo*, com a profissionalização do trabalho de *monitor*. Durante o regime do Estado Novo, Portugal teve uma política de museus populares, as *Casas do Povo*, com uma preocupação nacionalista e de valorização de aspectos folclóricos da cultura popular, no sentido de uma educação a partir da experiência em museus. João Couto se engajou no processo de formação do pessoal de museus em Portugal, organizando congressos e conferências que deram origem à Associação Portuguesa de Museologia (Apom).⁸ Esta associação, junto ao Instituto Português de Patrimônio Cultural (IPPC), constituíram espaços amplos de debate e de construção de reivindicações

na ocasião, diferentes planos para um museu histórico de caráter nacional, diferentes formatos de imaginação museal." In: CHAGAS, Mário de Souza. *Imaginação Museal: Museu, Memória e Poder* em Gustavo Barroso, Gilberto Freyre e Darcy Ribeiro. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais – UERJ. Rio de Janeiro, 2003. p.101.

⁷ A respeito da História do Curso de Museologia da Unirio, conferir: SÁ, Ivan Coelho de. 75 anos da Escola de Museologia, Unirio. Disponível online em <<http://www.unirio.br/museologia/nummus/75anos.htm>>. Acessado em 29 maio 2012; e SIQUEIRA, Graciele Karine. *Curso de Museus – MHN, 1932-1978: O perfil acadêmico-profissional*. 2009. Rio de Janeiro: Programa de pós-graduação em museologia e patrimônio, Unirio/MAST, 2009. 178p. Dissertação (mestrado) – Orientador: Ivan Coelho de Sá.

⁸ Sobre o papel de João Couto na formação profissional do pessoal de museus, confira: COSTA, Maria Madalena G. F. Cardoso da. *Museu e educação no período do «Estado Novo»: o papel de João Couto (1928 -1964)*: Idearte Revista de Teorias e Ciências da Arte. Ano VII, nº7, 2011. (pp. 5-34) versão eletrônica: <<http://www.idearte.org/texts/71.pdf>>. Acessado em 15 maio 2012.

sobre a formação profissional em museologia em Portugal, de acordo com João Carlos Brigola:

A questão da formação dos profissionais de museus é matéria que anima o legislativo, desde pelo menos o Decreto de 1932 (regulamentado pelo Decreto nº 22110, de 12 de janeiro de 1933, e reorganizado pelo Decreto nº 39116, de 27 de fevereiro de 1953). O diploma, no seu art. 58º, dispunha então que a preparação dos conservadores seria assegurada por um tirocínio de três anos no Museu Nacional de Arte Antiga. Este estágio passou a ser – a partir de 1965 e até 1974 – substituído por um curso de dois anos letivos ministrado teoricamente na Faculdade de Letras de Lisboa (disciplinas de arqueologia, história da arte portuguesa e ultramarina, etnologia geral, epigrafia, estética e teorias da arte) e com aulas práticas no MNAA (museologia e estudo material das obras de arte). Com a suspensão deste curso – episodicamente retomado, em novos formatos, durante os anos oitenta, por entidades como o IPPC (Instituto Português do Patrimônio Cultural) ou a Apom (Associação Portuguesa de Museologia) – instalou-se um prolongado debate, e uma definição legal, sobre a melhor maneira de prover a formação profissional dos quadros superiores de museus. A partir da década de noventa as universidades portuguesas passaram a oferecer cursos de licenciatura (pós-graduação e mestrados) em museologia.⁹

Quando as ondas de renovação da museologia¹⁰ banham dois lados do Atlântico

Os anos 1970/1980 são muito importantes para o pensamento museológico na França e fora dela: “*Une réflexion extrêmement riche a marqué la décennie [...]. Les idées de décloisonnement, d'ouverture aux publiques, d'internationalisation [...] ont bouleversé le monde des musées*

⁹ BRIGOLA, João Carlos. *A história da museologia enquanto história da cultura* (15 de dezembro de 2004, 4ª feira, 17hs) pdf.

¹⁰ DUARTE CÂNDIDO, Manuelina Maria. *Ondas do pensamento museológico brasileiro*. Lisboa: ULHT, 2003. (Cadernos de Sociomuseologia, 20).

*français*¹¹, afirma Poulot em sua História dos Museus da França. Em 1971 há a Conferência Geral do *International Council of Museums* (Icom) em Grenoble, França, com o tema *O museu a serviço do homem de hoje e de amanhã. O papel educativo e cultural dos museus* e, em 1972, em Santiago do Chile, a Mesa-Redonda sobre o Papel Social dos Museus na América Latina. Esta última aconteceu em um período no qual a América Latina estava sob a dominação de ditaduras militares, mas no Chile estava o governo da Unidade Popular, de Salvador Allende, por isto a escolha do lugar. As discussões e declaração final da mesa-redonda giraram em torno de um museu mais participativo, engajado politicamente, em diálogo com seu entorno social. Hugues de Varine, em seu texto *La décolonisation de la muséologie*, afirma:

Dans les années 1960 et 1970, plusieurs mouvements convergents, dont beaucoup nettement politiques, ont commencé à déstabiliser ce système. Mouvements des droits civiques ou de libération des minorités, recherches d'identités nationales et locales, émergence de nationalismes dans les pays récemment affranchis du colonialisme, influence de penseurs et de militants révolutionnaires ont progressivement atteint les cercles les plus marginaux du monde des musées. Des personnalités fortes comme John Kinard (États-Unis), Mario Vázquez (Mexique), Pablo Toucet (Niger), Stanislas Adotevi (Bénin), Amalendu Bose (Inde) et des inspirateurs comme Paulo Freire (Brésil) ou Jorge H. Hardoy (Argentine), et bien d'autres encore, ont contribué à faire émerger des idées nouvelles, visant à décoloniser le musée et à en faire un outil de développement des communautés de base, plus qu'une institution prestigieuse au service de l'élite. 1971 et 1972, années charnière, virent ces nouvelles idées apparaître sur la scène internationale. Le séminaire UNESCO/ ICOM de Santiago de 1972 en reste la référence.¹²

¹¹ Uma reflexão extremamente rica marcou a década [...]. As ideias de descompartimentação, de abertura aos públicos, de internacionalização [...] agitaram o mundo dos museus na França» Id. POULOT, Dominique... 2008. pág. 174. (Tradução nossa).

¹² Nos anos de 1960 e 1970, vários movimentos convergiram, entre os mesmos muitos políticos, começaram a desestabilizar este sistema. Movimentos de direitos civis e de libertação das minorias, buscas de identidades nacionais e locais, emergências de nacionalismos nos países recentemente saídos do colonialismo, influência de pensadores e militantes revolucionários progressivamente

Dentre estes eventos de que fala Varine, um é a Revolução de 25 de abril de 1974, em Portugal, que consegue interromper a ditadura, nomeada de salazarismo. E também destacamos o chamado processo de descolonização (dos museus)¹³ a partir dos anos 1960, sobre o qual é preciso considerar o importante trabalho de memória elaborado nestes países que viveram diferentes processos de independência e que tiveram a preocupação de elaborar uma história nacional contada a partir de uma perspectiva de valorização da conquista da independência. Dentre as diversas experiências, considerando os diferentes campos de disputas de memória, destacamos os projetos realizados pelo Museu Nacional da Nigéria, de 1961, que foi considerado como modelo de ecomuseu.

Neste sentido, a chamada nova museologia é fundada entre as reivindicações referentes ao direito à memória e às políticas de desenvolvimento. E, para compreendê-la, é preciso ressaltar o significado da associação do termo “território”, que se torna uma das palavras geradoras na elaboração das propostas para uma museologia ativa, popular e experimental, principalmente na definição e invenção do vocábulo “ecomuseu”. Poulot explica como estas ideias conquistaram espaço nas ações políticas internacionais:

Ce n'est pas, toutesfois, le milieu savant de l'archéologie ou de l'ethnologie qui invente le vocable d'ecomusée: celui-ci est forgé à l'occasion de la neuvième conférence générale de International Council of Museums (Icom) tenu à Grenoble, à 1971, quand l'idée dans “patrimoine” liée à la communauté et à

atingiram os círculos mais marginalizados do mundo dos museus. Personalidades fortes como John Kinard (Estados Unidos), Mario Vázquez (México), Pablo Toucet (Nigéria), Stanislas Adotevi (Benim), Amalendu Bose (Índia) e os inspiradores como Paulo Freire (Brasil) ou Jorge H. Hardoy (Argentina), e muitos outros ainda, contribuíram com a emergência das novas ideias, visando descolonizar o museu e o fazer de ferramenta do desenvolvimento das comunidades de base, mas que uma instituição prestigiosa ao serviço da elite. 1971 e 1972, anos de articulação, viram estas novas ideias aparecerem na cena internacional. O seminário UNESCO/Icom de Santiago de 1972 ficou como referência.” VARINE, Hugues de. La décolonisation de la muséologie. Les nouvelles de l'Icom, nº3, 2005. (Tradução nossa).

¹³ Para conhecer mais a respeito da noção de descolonização dos museus e de como estes museus da África tropical foram escrevendo suas narrativas históricas, na construção de identidades nacionais, sugerimos a leitura de: GUAGUE, Anne. *Les États Africains et leurs Musées: La mise en scène de la Nation* – Éditions D'Harmattan, Paris 1997.

un environnement commence à intéresser la haute administration en charge du “territoire” et du nouveau ministère de L'environement. C'est dire combien le terme est liée à l'histoire de l'aménagement du territoire.¹⁴

Repercutindo ideias também de origem francesa como as de Hugues de Varine e André Desvallées, o Minom é criado em uma reunião ocorrida em 1984 em Québec e oficializado em 1985 em Portugal, país que sempre esteve fortemente representado em suas bases e lideranças, assim como os canadenses, como Pierre Mayrand e René Rivard.

Tomando, portanto, como premissa que o enfoque deste texto não é apenas nas colaborações bilaterais, mas em torno das ideias da chamada nova museologia, não podemos negligenciar a necessidade de rastrear e evidenciar diferenças internas entre “escolas” ou tendências de cada um dos países, para não tomar tudo como uma massa homogênea de ideias.

No Brasil, por exemplo, há três projetos em andamento sobre a história da museologia, configurando memórias em disputa onde nossos atores têm papel fundamental. Cada um, sob seu viés, está construindo uma memória da museologia brasileira comprometida com uma escola ou tradição. São eles:

- Memória da museologia no Brasil (Unirio)
- Observatório da museologia baiana (UFBA)
- Memória do pensamento museológico paulista (USP)

A Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio), já citada como herdeira do primeiro curso de conservador de museus no Brasil, se arroga o direito de constituir, a partir de sua própria trajetória, uma memória da museologia nacional. Possui um acervo de oito mil itens, dois mil deles inventariados, segundo informação do site da Escola

¹⁴ Não foi, de toda maneira, o meio especializado da arqueologia e da etnologia que inventaram o vocábulo ecomuseu: este foi forjado na ocasião da IX Conferência Geral do Conselho Internacional de Museus em Grenoble, em 1971, quando a ideia de um ‘patrimônio’ ligado à comunidade e a um meio ambiente começa a interessar à alta administração encarregada do “território” e do novo Ministério do Meio Ambiente. Quer dizer, o quanto o tema está ligado à história da organização do território.” Op. cit. POULOT, 2008, pág. 175. (Tradução nossa).

de Museologia da Unirio (s.d.). O projeto, coordenado pelo professor Ivan Sá, está ligado, portanto, à memória da formação em museologia iniciada pelo MHN em 1934, e continuada pela Unirio, incluindo atualmente mestrado e doutorado.

O Observatório da Museologia Baiana (UFBA) “pesquisa a trajetória de museus e outras instituições culturais na Bahia, a relação da museologia e manifestações de memórias identitárias afro-brasileiras, e os vínculos da museologia com a ciência da informação”¹⁵. A pesquisa tem relação intrínseca, portanto, com o curso de graduação em museologia em funcionamento na Universidade Federal da Bahia (UFBA) há mais de 40 anos, o segundo do Brasil.

Ao longo de todo o século XX a formação em museologia no Brasil se ateve a estes dois estados com cursos de graduação¹⁶ e a uma série de cursos de especialização,¹⁷ organizados em diversos estados como Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, Amazonas, Maranhão, Rio Grande do Norte, Goiás e São Paulo¹⁸, além da formação em serviço e diversos cursos de extensão, seminários e congressos, que procuravam suprir as lacunas e demandas.

Das formações em nível de especialização, a experiência mais duradoura foi a de São Paulo, em um primeiro momento, por Waldisa Rússio Guarnieri na Escola de Sociologia e Política de São Paulo (a partir de 1978) e depois pelo Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (USP). Com a duração do primeiro se estendendo por mais de 20 anos e do segundo em quatro turmas de um ano e meio cada,

¹⁵ Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq. *Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil – Grupo de Pesquisa Observatório da Museologia Baiana*. 2009. Disponível online em <<http://dgp.cnpq.br/buscaoperacional/detalhegrupo.jsp?grupo=0291608L6INH0G>>. Acessado em 8 jan. 2012.

¹⁶ Houve também um curso de graduação na então Faculdade, hoje Universidade Estácio de Sá (RJ), por volta de 1980 a 1995.

¹⁷ Uma análise muito acurada da contribuição destes cursos de especialização e profissionais deles oriundos para o fortalecimento da Museologia Brasileira e também dos desconfortos gerados pelo conflito de interesses no exercício profissional pode ser encontrado em: MARSHALL, Francisco. *A função social da Museologia brasileira, uma provocação*. In: Revista Museu, 2008. Disponível online em <<http://www.revistamuseu.com.br/18demaior/artigos.asp?id=16663>>. Acessado em 8 jan. 2012.

¹⁸ Apesar de extensa, a lista pode estar incompleta, pelo que pedimos desculpas.

até 2006, os envolvidos também procuraram, como era de se esperar, construir sua memória no âmbito da museologia brasileira. O projeto *Memória do pensamento museológico paulista* realça/constrói a tradição na qual São Paulo se insere, recentemente fortalecida com a aprovação do mestrado em museologia na USP, em março de 2012.

Estes três núcleos acadêmicos da museologia no Brasil são também centros onde estão calcadas relações fundamentais com a museologia portuguesa, especialmente no que ela se cruza com a história do Minom. Vêm deles alguns dos atores que iremos realçar neste texto, pela duradoura contribuição com a formação em museologia na ULHT, colaborando para a circulação de ideias entre a museologia no Brasil e em Portugal¹⁹ Mário Chagas (RJ), Maria Célia Santos (BA) e Cristina Bruno (SP). Por sua importância no âmbito internacional, especialmente suas atuações no ICOM, mencionaremos ainda Waldisa Rússio Guarnieri e Fernanda de Camargo e Almeida- Moro.

Em Portugal há o Núcleo Documental Minom/ que foi elaborado e executado a partir da pesquisa de mestrado de Ana Mercedes Stoffel Fernandes²⁰, realizada na Universidade Lusófona, sob orientação de Mário Moutinho, ex-presidente e um dos fundadores deste movimento. Estes dados foram organizados “com base num modelo de organização e interpretação de acervos documentais, em suporte informático e de papel, que permite e facilita compreensão, estudo, tratamento e divulgação desses mesmos acervos”, utilizando o Sistema de Interpretação e Gestão de Núcleos Documentais (Signud).²¹ Disponibilizar o acesso *online* deste arquivo documental abundante sobre o Minon, reflete uma preocupação com a memória do movimento por uma nova museologia e, sobretudo, o

¹⁹ As escolhas que levaram aos nomes mencionados neste texto não esgotam o rol de atores participantes desta construção de pontes entre a Museologia no Brasil e em Portugal, mesmo no que tange à chamada Nova Museologia, e, como é de se esperar, se baseiam nas experiências pessoais e percursos de aproximação das autoras com a Museologia.

²⁰ FERNANDES, Ana Mercedes Stoffel. *Um Núcleo Documental para o estudo do Minon*. Dissertação de Mestrado, ULHT, 2005. Disponível online em <http://www.urbanismo-portugal.net/minhaweb10/pdf/Ana_mercedes1.pdf>. Acessado em 4 jun. 2012.

²¹ <<http://www.minom-icom.net/signud/>>

interesse no desenvolvimento de pesquisas e na circulação internacional da produção do conhecimento científico gerado por este movimento.

Ao analisar estas fontes pudemos, por exemplo, identificar alguns dos atores e temas debatidos nas assembleias, bem como as atividades de campo realizadas pelo Minon. Foi na reunião do Conselho de Administração de 1985 que os membros deste conselho citaram a Declaração de Oaxetepec, México, 1984, afirmando que poderia ser utilizada para justificar a ampliação da atuação do Minon na América Latina.²² Seria este um dos primeiros indícios das aproximações entre Brasil e Portugal? Fernanda de Camargo e Almeida-Moro assinou a Declaração de Oaxetepec²³, que foi novamente tema de debate na segunda reunião do Conselho de Administração do Minon, de 1986²⁴, o que nos mostra a importância atribuída ao documento pelos membros deste movimento em gestação.

Antes de abordarmos a atuação destes sujeitos, vamos também situar algumas singularidades na museologia portuguesa, segundo a distribuição geográfica proposta por Mayrand e Moutinho, que, mesmo se referindo apenas às ideias da chamada nova museologia, localiza em Portugal três grandes áreas de influência:

Nord: La pensée rivieriste proche de l'ideologie pétainiste marquée parle conservatisme corporatiste, dont une certaine forme décomusées en est le reflet.

Centre: La réflexion muséologique marquée par la militance et le réformisme de la gauche traditionnelle (Monte Redondo)?

Centre Sud: L'idéologie coopérative marxiste (Réforme Agraire),

²² Conselho de Administração do Minom de Paris, 1985 - Reunião, Ata. Disponível online em <<http://www.minom-icom.net/signud/DOC%20PDF/198503003.pdf>>. Acessado em 15 maio 2012

²³ LACOUTOURE, Filipe et alli.. Declaratoria de Oaxtepec, 1984. Versão espanhola e francesa. Disponível online em <<http://www.minom-icom.net/signud/DOC%20PDF/198403404.pdf>>. Acessado em 15 maio 2012.

²⁴ Conselho de Administração do Minom de Paris 1986 - Rapport du coordinateur generale. Disponível online em: <<http://www.minom-icom.net/signud/DOC%20PDF/198608904.pdf>> Acessado em 15 maio 2012.

marquée par l'occupation et l'appropriation économique du territoire ('Herdade sem medo', Corte do Gafô, Mértola - travail d'alphanétisation culturelle d'après la méthode de Paulo Freire).²⁵

Destas três áreas, iremos ressaltar a central, onde a experiência de Monte Redondo e outras ações aglutinam pessoas como Fernando João Moreira e Alfredo Tinoco em torno da figura de Mário Moutinho, que mais tarde vai implantar os já mencionados cursos de Museologia da ULHT.

Portugal tem hoje por volta de 1.200 museus, segundo Isabel Victor²⁶, com uma forte tendência para museus polinucleados e de território, o que pode denotar uma marcante influência do movimento citado. Após o fim da ditadura de Salazar, o associativismo, que já era forte, foi fortalecido, sendo criados muitos processos de defesa do patrimônio, visto que as associações sempre tiveram ligações fortes com a memória e a cultura locais.

A memória de Mário Moutinho sobre a criação do ecomuseu de Monte Redondo, segundo relato de Bruno, é a seguinte:

[...] nessa época passamos por um dilema real que se podia resumir da seguinte maneira: - Museu Tradicional com participação formal da população, voltado para os testemunhos do passado e Museu Incógnita voltado para os problemas do meio material e social que o rodeava. A primeira situação apresentava-nos um caminho suficientemente estudado, sem outras dificuldades de realização que não fossem a maior ou menor

²⁵ Norte: O pensamento riverista aproximado da ideologia petaneista marcou o conservadorismo corporativo, da qual uma certa forma de ecomuseus é o reflexo. Centro: A reflexão museológica marcada pela militância e pelo reformismo da esquerda tradicional (Monte Redondo)? Centro Sul: A ideologia cooperativa marxista (reforma agrária), marcada pela ocupação e apropriação econômica do território ('Herdade sem medo', Corte do Gafô, Mértola – trabalho de alfabetização cultural a partir do método de Paulo Freire). MAYRAND, Pierre; MOUTINHO, Mário. (Tradução nossa); *Le Musée local de la nouvelle génération au Portugal, un pas en avant dans la gestion communautaire qualitative. Essai d'interprétation épistémologique*, 2007. Disponível online em <http://tsousa.ulusofona.pt/docweb/MULTIMEDIA/ASSOCIA/IMAG/REVISTAS_LUSOFONAS_PDF/SOCIOMUSEOLOGIA/N%C2%BA.%2028/ARTIGO_5.PDF>. Acessado em 26 maio 2012.

²⁶ VICTOR, Isabel. *Rede Portuguesa de Museus*. Comunicação oral. 3º Encontro Paulista de Museus, SP, junho de 2011. Registro em vídeo disponível online em <http://www.forumpermanente.org/event_pres/encontros/iii-encontro-paulista-de-museus/programacao>. Acessado em 20 dez. 2011.

disponibilidade de recursos financeiros para manter o museu aberto. A segunda situação deveria avançar por terrenos mal conhecidos, afrontando a incompreensão das outras instituições museológicas, socorrendo-nos dos conceitos, então mal definidos, do que se constituía como sendo expressões de uma nova museologia.²⁷

Este foi um dos processos que tomaram o segundo rumo, assim como outros, em alguma medida identificáveis tanto como museus de novo modelo como “museus tradicionais com participação formal da população”²⁸: Ecomuseu do Seixal, Vila- Museu e Campo Arqueológico de Mértola, Museu do Trabalho de Setúbal, entre outros.

O momento pós-Québec significou em Portugal a disseminação de um novo

fazer museal e de reflexões inusitadas, a partir da realização de jornadas sobre a função social do museu e de publicações³⁰. Em pouco tempo também significaria a formulação de um modelo de formação em Museologia, inicialmente atrelado à Universidade Autônoma de Lisboa: “Posteriormente, por falta de condições científicas e de desenvolvimento de um contexto organizacional antidemocrático, a equipa docente transferiu-se para o antigo Ismag³¹, dando desde então continuidade ao seu projeto na atual ULHT”³², onde a área de museologia existe desde 1991. Iniciado como um curso de especialização, que experimentou diversos formatos, este modelo sempre contou com colaboradores externos, em um primeiro momento do Canadá e da França, logo se estendendo a professores do Brasil.

²⁷ MOUTINHO, apud BRUNO, 1996, p. 90-91.

²⁸ Ainda assim, muito distantes do que usualmente é considerado um museu tradicional, aquele totalmente voltado para os objetos e onde cabe ao público um papel de observador e visitante passivo.

²⁹ Nestas experiências alguns atores se destacam, como Graça Filipe, Jorge Raposo, Cláudio Torres, Ana Duarte e Isabel Victor, entre outros.

³⁰ MOUTINHO, Mário (org.). *Sobre o conceito de museologia social*. Lisboa: ULHT. (Cadernos de Sociomuseologia, 1), 1993.

³¹ Instituto Superior de Matemática e Gestão, atual Universidade Autônoma de Lisboa.

³² Universidade Lusófona. Faculdade de Arquitetura, Urbanismo, Geografia e Artes. (2010, setembro). *Departamento de Museologia; Apresentação e orientações estratégicas, 2010-2013*. Disponível online em <http://www.museologia-portugal.net/images/stories/museologia_apresentacao_01_10_2010.pdf>. Acessado em 8 jan. 2012.

Atores em trânsito

Antes de centrar nossa reflexão, como desejamos, na ação da universidade, iremos abordar duas figuras brasileiras que atuaram fortemente em uma internacionalização do pensamento museológico brasileiro ligado às novas correntes teóricas mundiais, nos anos 1970 e 1980: Waldisa Rússio Guarnieri e Fernanda de Camargo e Almeida-Moro.

Segundo Cristina Bruno³³, Waldisa Rússio, ainda no final da década de 1970, estava em contato com o Museu da Fundação Calouste Gulbenkian, cuja diretora veio ao Brasil para sua banca de doutorado. Daí surgiu uma forte influência das questões sobre educação de museus na formação que criava em São Paulo em 1978. Após estada na Europa para um evento “sobre os prenúncios da nova museologia”, Waldisa oferece, em território brasileiro, um curso sobre museologia popular, já em meados da década de 1980. A partir daí, segundo o mesmo relato, Bruno inicia uma troca de mensagens com Mário Moutinho, visto o interesse despertado pelas ideias trazidas por Rússio.

É ainda a memória de Cristina Bruno que realça, em 1987, a realização do I Encontro de Países e Comunidades de Língua Portuguesa (Triomus) no Rio de Janeiro, sob a coordenação do Icom-Brasil, notadamente de Fernanda Camargo-Moro e Lourdes Novais, como mais um marco nas relações entre Brasil e Portugal. Na ocasião também é ressaltada a presença emblemática de Hugues de Varine, que vem mais uma vez ao Brasil e lança, durante o evento, a versão em português de seu livro *O tempo social*. Estas reuniões trienais internacionais de museus, bem como a participação de um grupo de brasileiros na Conferência Geral do Icom, realizada na Holanda em 1989, com subsequente ida ao Triomus, em Mafra (Portugal), contribuem para o reforço dos laços e para a identificação de diferentes tendências.

Além da organização dos Triomus, Fernanda de Camargo de Almeida-Moro tem um dos únicos textos brasileiros selecionados, ao

³³ BRUNO, Cristina. Comunicação pessoal, maio de 2012.

lado de um artigo de Paulo Freire, para a Antologia da Nova Museologia organizada por André Desvallées na França, em 1992 e 1994. No segundo volume de *Vagues*³⁴, um segmento referente às experiências e práticas, ela retrata o Museu das Imagens do Inconsciente, no Rio de Janeiro. Sua atuação teve evidência no ICOM-Brasil (que presidiu de 1976 a 1987) e nos comitês e conferências internacionais do ICOM. Podemos destacar ainda a organização do número 161 da revista *Museum*³⁵, reunindo uma museologia de língua portuguesa.

Por outro lado, Waldisa Rússio Guarnieri também teve grande trânsito internacional, difundindo sua produção de tal forma que hoje é um dos poucos brasileiros mencionados em obras como o *Dictionnaire encyclopédique de muséologie*.³⁶ Ligada à Fundação Escola de Sociologia Política de São Paulo (Fesp- SP), Waldisa defende dissertação de mestrado em 1977 e tese de doutorado em 1980, ambas já com temáticas museológicas, cria o curso de pós-graduação *lato sensu* em 1978 e contribui proficuamente com o Comitê de Museologia do ICOM, o Icofom, tendo publicado em números do Icofom Study Series e MuWop/DoTrAM.

O trabalho de Fattouh e Simeon³⁷ sobre a origem geográfica dos autores do Icofom menciona alguns brasileiros: Heloísa Barbuy, Cristina Bruno, Waldisa Rússio, Tereza Scheiner, Marcelo Mattos Araujo e Maria de Lourdes Parreiras Horta. No texto de Peter van Mensch,³⁸ em que são mapeadas as correntes internacionais da museologia, o fato museal concebido por Waldisa Rússio serve para delimitar uma das quatro tendências teóricas internacionais, na qual localiza também parte destes brasileiros.

³⁴ DESVALLÈES, André. *Vagues: une anthologie de la nouvelle museologie*, v. 1 e 2. Paris: W M. N. E. S., 1992 e 1994.

³⁵ ALMEIDA-MORO, Fernanda de Camargo e. *Museum, 161. Regards sur des pays d'expression portugaise*. Vol XLI, n° 1, Paris, 1989.

³⁶ DESVALLÈES, André; MAIRESSE, François (dir.). *Dictionnaire encyclopédique de muséologie*. Paris: Armand Colin, 2011.

³⁷ FATTOUH, Nadine; SIMEON, Nadia. *Icofom – Orientations museologiques et origines géographiques des auteurs*. Paris: École du Louvre, 1997.

³⁸ VAN MENSCH, Peter. *O objeto de estudo da Museologia*. Rio de Janeiro: Unirio / Universidade Gama Filho, 1994.

Década de 1990: intensificação das parcerias Brasil-Portugal

Na década de 1990 foi intensificado o trânsito entre portugueses e brasileiros, com intercâmbio de exposições, curadorias partilhadas, eventos comuns e outras iniciativas bilaterais. No âmbito da chamada nova museologia, um momento notável foi a realização do I Encontro Internacional de Ecomuseus, em 1992. Este evento trouxe ao Brasil o museólogo português Mário Moutinho, a convite da Prefeitura do Rio de Janeiro, onde teve a oportunidade de conhecer a ação para implantação do Ecomuseu de Santa Cruz, e outros atores brasileiros, entre os quais os já mencionados Cristina Bruno, Maria Célia Santos e Mário Chagas. Segundo comunicação pessoal de Moutinho, daí resultou a visita de um grupo de portugueses integrado também por Fernando João Moreira e Alfredo Tinoco a São Paulo³⁹ e a Salvador, entre outros lugares, e posteriormente a ida dos brasileiros a Portugal para participarem no curso de museologia.

Foi então aprofundada uma substancial partilha de ideias, consolidada na publicação dos primeiros volumes dos Cadernos de Sociomuseologia. Segundo Moutinho,⁴⁰ a aproximação com este grupo de brasileiros se deveu à qualidade da reflexão, à experiência e ao fato de atuarem em Universidades, denotando o interesse já sublinhado em encontrar caminhos acadêmicos para as reflexões oriundas das práticas no âmbito da chamada nova museologia, mas também por serem afetuosos, divertidos, solidários, militantes e um sem número de qualidades que tornaram mais propícia a criação de vínculos de amizade entre os dois lados.

Moutinho destaca que a presença destes museólogos brasileiros “foi uma lufada de ar fresco na museologia em língua portuguesa em Portugal”, assim como as de Pierre Mayrand e de Varine, entre outros que participaram no curso da lusófona e que, a seu ver, “deram credibilidade

³⁹ Onde Cristina Bruno organizou um curso sobre Nova Museologia que atraiu alunos de diversas regiões do país e, segundo seu relato, realizaram diversas reuniões para a organização do Comitê Brasileiro do Minom, esforço este que não logrou êxito.

⁴⁰ MOUTINHO, Mário. Comunicação pessoal, maio de 2012.

ao ensino da museologia ao nível universitário, até aí inexistente em Portugal, em processo paralelo com a consolidação do Minom”, incluindo a organização das Jornadas sobre a Função Social dos Museus e os Encontros Nacionais de Museologia e Autarquias: “A museologia instituída portuguesa nessa altura ‘era’ muito conservadora e refratária a qualquer tipo de reflexão, em particular às ideias de participação, desenvolvimento, inclusão etc”.⁴¹

Por outro lado, a ULHT, por intermédio de Mário Moutinho e Judite Primo, esteve presente nas quatro edições do curso de especialização em museologia do Museu de Arqueologia e Etnologia da USP (1999 a 2006), estreitando ainda mais os laços.

Para Cristina Bruno,

o século XXI encontrou esse intercâmbio de forma consolidada e pudemos assistir às discussões que ‘transformaram’ os esforços do Movimento pela Nova Museologia - Minom em um movimento acadêmico consolidado sob o cenário da sociomuseologia, como uma linha de pensamento. Ao mesmo tempo, assistimos à implantação da Rede Portuguesa de Museus com forte intercâmbio com os movimentos referentes às propostas de uma museologia ibero-americana, como também, contamos com apoios lusófonos em relação à implantação do Instituto Brasileiro de Museus (Ibram). Ainda merece registro o fato de que, em alguns momentos, as relações museológicas entre Portugal e Brasil se abriram para o chamado mundo lusófono, abrigando outros continentes e outras influências.⁴²

Ambos, Moutinho e Bruno, reiteram que as aproximações se deram em razão de perspectivas comuns em relação à função social dos museus e à importância da formação acadêmica neste contexto.

⁴¹ Id. MOUTINHO, 2012.

⁴² Id., BRUNO, 2012.

A ligação de alguns dos docentes da ULHT ao Minom representa, para essa universidade, não só “permanente atualização de conceitos, como tem beneficiado uma rede alargada de parcerias internacionais”⁴³.

Subjacente a todo este percurso, cabe salientar a marcante influência do pensamento do educador brasileiro Paulo Freire na museologia de ambos os lados do Atlântico. Ao mesmo tempo em que Cristina Bruno realça que, por intermédio de Rússio, ele foi um pensador fundamental em sua formação, afirma que quando conheceu Mário Moutinho pôde constatar a centralidade do seu pensamento também em suas ideias sobre os museus. Moutinho relembra inclusive de um episódio em que Freire chegou a aceitar o convite para participar do curso da Lusófona em 1993, mas razões financeiras impediram a concretização do projeto. Para ambos, sua importância decorre de que os princípios que Freire delineou para a educação são comuns ao enquadramento teórico da Sociomuseologia.

Mário Moutinho⁴⁴ situa a criação da sociomuseologia em Québec tendo como antecedentes a Mesa-Redonda de Santiago do Chile, em 1972. A Declaração de Québec, documento fundador do Minom, deu seguimento ao desejo de criação de estruturas internacionais do Minom, com a intenção de fundação de um comitê sobre Ecomuseus / Museus Comunitários no âmbito do Icom e uma federação internacional da nova museologia. Ao abordá-la, Moutinho enfatiza a ideia de participação da comunidade na definição e gestão das práticas museológicas e a museologia como fator de desenvolvimento, ressaltando a ideia presente na Declaração de 1972 de que a transformação das atividades dos museus exige mudança na mentalidade dos seus responsáveis. Talvez por isto, tomou para si o desafio de contribuir com formação e atualização de profissionais, criando as jornadas e os cursos já mencionados.

⁴³ Universidade Lusófona. Faculdade de Arquitectura, Urbanismo, Geografia e Artes. (2010, setembro). *Departamento de Museologia; Apresentação e orientações estratégicas 2010-2013*. Disponível online em <http://www.museologia-portugal.net/images/stories/museologia_apresentacao_01_10_2010.pdf>. Acessado em 8 jan. 2012.

⁴⁴ MOUTINHO, Mário. *Definição evolutiva de Sociomuseologia*. Proposta para reflexão. Documento do XIII Atelier Internacional do Minom, Universidade Lusófona, Câmara Municipal de Setúbal, 2007.

Segundo ele,

A sociomuseologia constitui-se assim como uma área disciplinar de ensino, investigação e atuação que privilegia a articulação da museologia em particular com as áreas do conhecimento das ciências humanas, dos estudos do desenvolvimento, da ciência de serviços e do planejamento do território.⁴⁵

Fernando Neves situa a sociomuseologia como uma das várias inovações trazidas pela ULHT, especialmente, neste caso, de Mário Moutinho. Dá a entender que a sociomuseologia é de fato a nova museologia, nomeada desde o início pelos portugueses daquela forma, mas conectada com o movimento internacional.⁴⁶ Adotamos como premissa a ideia de que a museologia é uma só, com necessárias ondas de renovação,⁴⁷ ainda que a uma teoria geral correspondam diferentes modelos de aplicação, como expresso pelo simpósio do I de Hyderabad em 1988:

A opinião geral, expressa pelos museólogos de diferentes partes do globo, admitiu que, no nível mais elevado de abstração, só há uma museologia. No nível prático, no entanto, pode haver muitas diferenças de acordo com as condições culturais e socioeconômicas locais.⁴⁸

Desta forma, não consideramos essencial uma diferenciação ou demarcação de fronteiras entre a chamada nova museologia e a sociomuseologia, que se assemelha muito mais a uma renovação e um aprofundamento dos propósitos daquela. Isto não diminui a importância das transformações conceituais e nem, no caso português, o papel

⁴⁵ Id. MOUTINHO, 2007, pág. 01.

⁴⁶ NEVES, Fernando Santos. De entre os vários maiores ou menores ‘ex-libris’ da ‘Lusófona’, poderíamos citar, a título de exemplos, os seguintes: – cursos que foram criados na ‘Lusófona’ pela primeira vez e alguns ainda são únicos em Portugal. In: Revista Lusófona de Humanidades e Tecnologias, 2, pp. 36-43. Lisboa: ULHT. Disponível online em <<http://revistas.ulusofona.pt/index.php/rhumanidades/article/view/987/808>>. Acessado em 6 abr. 2010.

⁴⁷ DUARTE CÂNDIDO, Manuelina Maria. *Ondas do Pensamento Museológico Brasileiro*. Lisboa: ULHT, 2003. (Cadernos de Sociomuseologia, 20).

⁴⁸ Id. MENSCH, 1994, pág. 02.

precursor de Mário Moutinho e a longevidade de experiências baseadas nas ideias oriundas do Minom, sejam elas enquadradas como nova museologia ou sociomuseologia.⁴⁹

Fora da ULHT, é possível identificar hoje várias outras formações em museologia em Portugal, da mesma forma que, no Brasil, se disseminaram os cursos de graduação, já sendo mais de uma dezena por todo o país, além de dois mestrados e um doutorado.

Percebemos que as parcerias ajudaram a fortalecer ambos os lados, além de fomentar a criação de modelos específicos baseados em conceitos de uma Museologia menos tradicional, cada vez mais pujantes, ao contrário do que possa parecer.

Para Francisca Hernández-Hernández,⁵⁰ há diferenças entre duas escolas de pensamento museológico, uma representada por museólogos da França e do Canadá, outra pelos da Tchecoslováquia e da Alemanha. Esta tende a uma orientação mais cognitiva, enquanto aquela, mais programática, criou as condições para o surgimento do Minom. Queremos adicionar à ideia de uma escola representada por franceses e canadenses a indefectível presença de museólogos portugueses na raiz do movimento⁵¹ e, pelo menos de maneira mais intensa desde a década de 1990, em profunda troca intelectual e colaboração, com a museologia brasileira, alimentando-se mutuamente de expertise, desafios e encorajamento.

Agradecimentos

Agradecemos a Cristina Bruno e Mário Moutinho as contribuições em respostas a nossas perguntas por mensagem eletrônica. A responsabilidade pelas ideias aqui expressas, entretanto, é inteiramente das autoras.

⁴⁹ DUARTE CÂNDIDO, Manuelina Maria. *Gestão de museus e o desafio do método na diversidade: diagnóstico museológico e planejamento*. Lisboa: ULHT, 2011. (Tese de doutoramento).

⁵⁰ HERNÁNDEZ-HERNÁNDEZ, Francisca. *Planteamientos teóricos de la museología*. Gijón: Ediciones Trea, 2006. (Biblioteconomía y Administración Cultural, 142)

⁵¹ Id. DUARTE CÂNDIDO, 2011.

Nota dos editores:

De acordo com a Agência de Avaliação e Acreditação do Ensino Superior (A3ES) a situação em Portugal relativamente a cursos de Mestrado e de Doutoramento com a área da Museologia (Classificação Nacional das Áreas de Educação e Formação (CNAEF -225) e/ou Museologia e Património a situação é a seguinte:

Instituição de Ensino Superior	Ciclo de Estudos	Grau	Decisão
Universidade Nova de Lisboa - FCSH	Antropologia: Políticas e Imagens da Cultura e Museologia	Doutor	Acreditado
Universidade Lusófona FCSEA	Museologia	Doutor	Acreditado
Universidade de Lisboa-FBA	Museologia e Museografia	Mestre	Acreditado
Universidade dos Açores - FCSH	Património, Museologia e Desenvolvimento	Mestre	Acreditado
Universidade Nova de Lisboa - FCSH	Museologia	Mestre	Acreditado
Universidade de Coimbra-FL	Património Cultural e Museologia	Mestre	Acreditado
Universidade do Porto FL	Museologia	Mestre	Acreditado
Universidade Lusófona FCSEA	Museologia	Mestre	Acreditado
Universidade do Porto FLUP + FBAUP	Museologia	Doutor	Descontinuado 2016
Universidade de Évora-ECS	Museologia	Mestre	Descontinuado 2012
Universidade de Lisboa- FBA	Património Público, Arte e Museologia	Mestre	Descontinuado 2015
Universidade de Coimbra-FL	História, Especialização em Museologia	Mestre	Descontinuado 2015
Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE-IUL)	Museologia: Conteúdos Expositivos	Mestre	Descontinuado 2012

Fonte: <https://www.a3es.pt/pt/acreditacao-e-auditoria/resultados-dos-processos-de-acreditacao/acreditacao-de-ciclos-de-estudos> - acedido em 08.02.2020

De assinalar, no entanto, que a Universidade do Porto e a Universidade de Évora asseguram a área da Museologia no doutoramento de Estudos Integrados do Património (Arqueologia, História da Arte e Museologia) e de História e Filosofia da Ciência respetivamente

Atualmente, segundo o Conselho Federal de Museologia*, nas Universidades brasileiras são assegurados os seguintes cursos:

Doutorado:
UNIRIO – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Rio de Janeiro RJ) Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio
Mestrado:
UFBA – Universidade Federal da Bahia (Salvador BA) Programa de Pós-Graduação em Museologia. PPGMuseus
UNIRIO – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Rio de Janeiro RJ) Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio
USP – Universidade de São Paulo (São Paulo SP) Programa de Pós-Graduação Interunidades em Museologia
UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do SUL, (Porto Alegre) Programa de Pós-Graduação Museologia e Patrimônio
UFPI - Universidade Federal do Piauí,(Parnaíba PI) Programa de Pós- Graduação em Artes, Patrimônio e Museologia
Graduação
UFBA – Universidade Federal da Bahia (Salvador BA) Área de Filosofia e Ciências Humanas
UFRB – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (Cachoeira BA) Centro de Artes, Humanidades e Letras
UNB – Universidade Federal de Brasília (Brasília DF) Faculdade de Ciência da Informação
UFG – Universidade Federal de Goiás (Goiânia GO) Faculdade de Ciências Sociais
UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais (Belo Horizonte MG) Escola de Ciência da Informação (ECI)
UFOP – Universidade Federal de Ouro Preto (Ouro Preto MG) Escola de Direito, Turismo e Museologia
UFPA – Universidade Federal do Pará (Belém PA) Instituto de Ciências da Arte (ICA).
UFPe – Universidade Federal de Pernambuco (Recife PE) Departamento de Antropologia e Museologia.
UNIRIO – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Rio de Janeiro RJ) Centro de Ciências Humanas e Sociais- CCH / Escola de Museologia
UFPel – Universidade Federal de Pelotas (Pelotas RS) Instituto de Ciências Humanas.
UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Porto Alegre RS) Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação.
UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina (Florianópolis SC) Centro de Filosofia e Ciências Humanas
UFS – Universidade Federal de Sergipe (Laranjeiras SE)

Fonte: <http://cofem.org.br/legislacao/formacao/> -acedido em 08.02.2020

* O Conselho Federal de Museologia (COFEM) é o órgão regulamentador e fiscalizador do exercício da profissão de museólogo, que foi criado pela Lei 7.287 de 18 de dezembro de 1984 e regulamentada pelo Decreto 91.775 de 15 de outubro de 1985.

Carolina Ruoso

Carolina Ruoso é graduada em História pela UFC e mestre em História pela UFPE, orientação do professor Antônio Paulo Rezende. Doutora em História da Arte pela Universidade de Paris 1 Panthéon-Sorbonne, orientação do professor Dominique Poulot, financiada pela Bolsa Capes, modalidade doutorado pleno no exterior. Atuou como educadora de museus em diferentes museus do Ceará, foi Diretora da Galeria Antônio Bandeira de Fortaleza, atuou como curadora no Museu do Homem do Nordeste/Fundaj e no Sobrado Dr. José Lourenço/Secult-Ce. Foi Coordenadora de Patrimônio Cultural na Secretaria da Cultura do Estado do Ceará e atualmente é professora da área de Teoria e História da Arte da Escola de Belas Artes da UFMG nos cursos de Museologia, Artes Visuais e Conservação-Restauração.



Manuelina Maria Duarte Cândido

Manuelina Maria Duarte Cândido é Licenciada em História (UECE), Especialista em Museologia e Mestre em Arqueologia (USP) e Doutora em Museologia (ULHT). Realizou estágio de pós-doutoramento na Universidade Sorbonne Nouvelle, Paris III, sob supervisão de François Mairesse. Coordenou a Ação Educativa do Centro Cultural São Paulo, dirigiu o Museu da Imagem e do Som do Ceará e o Departamento de Processos Museais do Instituto Brasileiro de Museus, IBRAM. Na Bélgica desde 2018, é professora e chefe de serviço de Museologia da Universidade de Liège e administradora do Embarcadère du Savoir. Para tal, solicitou afastamento do curso de Museologia da UFG, instituição em que ainda atua como Professora Permanente do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social.

